

Oficina de Escultura Sonora: um projeto transdisciplinar

Marcos Vinícius Lopes Albricker

Universidade de Aveiro – PT

Bolsa CAPES

albricker@musica.ufmg.br

Resumo: Nesta comunicação é descrita uma experiência pedagógica transdisciplinar realizada em uma comunidade de aprendizagem em Portugal, o *Projeto ERES*. Ciente de que este tipo de instituição cuja proposta basilar acolhe metodologias colaborativas, participativas e transdisciplinares, entrevi a possibilidade de implementar oficinas para desenvolver projetos transdisciplinares tendo a música como ponto de partida. Cognominada *Oficina de Escultura Sonora*, esse procedimento pedagógico trata-se essencialmente de um componente empírico da minha pesquisa de doutorado que, desde o ano de 2014, está em andamento na Universidade de Aveiro-Pt. Centrada metodologicamente na pesquisa-ação, essa experiência contou efetivamente com a participação de 30 crianças na faixa etária entre 4 e 12 anos de idade, além de uma professora e uma colaboradora/voluntária do *Projeto ERES*. Alguns pressupostos teóricos deste experimento encontram-se alicerçados nas ideias de educadores libertários como Paulo Freire e Hans-Joachim Koellreutter.

Palavras chave: Escultura Sonora. Transdisciplinar. Transversalidade.

Introdução

A *Oficina de Escultura Sonora* foi realizada no Projeto ERES¹, em Portugal, com a participação de aproximadamente 30 crianças, entre 4 e 12 anos de idade. Esta oficina representa uma parte significativa da investigação que faço no âmbito do doutoramento em música pela Universidade de Aveiro, em Portugal. Em contexto de pesquisa-ação, constituímos uma equipe de trabalho em que, para além das crianças, participaram Cristiana Moreira Santos – Professora de Artes do Projeto Eres, com Licenciatura em Artes Plásticas/Escultura, e Fátima Azevedo – colaboradora voluntária do Projeto Eres, com Licenciatura em Engenharia de Sistemas e Informática.

¹ Inspirado no modelo pedagógico da Escola da Ponte –Pt (onde realizei trabalho de campo em 2015), o Projecto ERES é uma comunidade de aprendizagem situada em Leça da Palmeira-Portugal e conta com a consultoria do Professor José Pacheco, fundador do Projeto Âncora – SP e da Escola da Ponte, além de muitas outras comunidades de Aprendizagem emergentes na Europa, África Ásia e América Latina.

A proposta central da Oficina de Escultura Sonora foi fomentar reflexões sobre artes e proporcionar a todos os envolvidos, meios práticos para desenvolverem a percepção musical e estética com relação a música e as artes plásticas. O ponto de partida para a efetiva interação entre estas áreas deu-se através da construção de instrumentos musicais, pesquisa sonora e reciclagem de objetos considerados como material de descarte.

Por meio do contato com realidades sonoras incomuns e formas peculiares de produção musical e visual, procurou-se construir estruturas de relação entre forma, cores, som, movimento e espaço. Ao mesmo tempo em que abordamos a reciclagem e a reutilização, descobrimos também os valores estéticos e sonoros dos materiais. Em diversos contextos, exploramos os timbres e ritmos em relação ao corpo e aos elementos, nomeadamente água, vento, areia, pedras, entre outros. A fusão entre estes elementos naturais e os objetos sonoros materializavam formas complexas que sugeriam novas sonoridades e signos que potencializavam a imaginação e o espírito criativo dos participantes.

Em composição transdisciplinar, onde outras áreas do conhecimento se cruzam, criamos também uma espécie de ‘Emblemas Sonoros’, que se materializam em criação e performance. O pesquisador, performer e professor na Universidade Federal de Minas Geras, Marcos Scarassatti, nos explica o que é um ‘Emblema Sonoro’:

“O Emblema Sonoro, tenta ser uma composição musical em forma plástica, também sonora, literária, ou ainda uma tentativa de construção poética de um campo espacial pelas sonoridades relacionadas a objetos, imagens, textos, conceitos e histórias. Aglutinações simbólicas em formas plástica e sonora das memórias recolhidas em um percurso, que é o da criação dele próprio” (SCARASSATTI, 2015, p. 8).

Em síntese, Scarassatti entende o emblema sonoro, como um tipo de instrumento musical composto por fragmentos de objetos retirados do seu contexto original para se construir algo com significado visual e sonoro.

A transversalidade da música

Compreender e promover a transversalidade da música no âmbito escolar à luz da metodologia transdisciplinar foram objetivos centrais do nosso trabalho de investigação. A metodologia transdisciplinar, em linhas gerais, procura construir a compreensão da realidade a partir de várias disciplinas e perspectivas que visam a unidade do conhecimento. Em síntese, entendemos que a transdisciplinaridade é o meio mais natural para o desenvolvimento de temas relacionados as artes e a ecologia, como é o caso da *Oficina de Escultura Sonora*. Os componentes artísticos e ecológicos já trazem em si, os fundamentos necessários para serem tratados como elementos transversais no âmbito escolar. Nesse caso, a transdisciplinaridade era a chave para investigar a essência complexa dos elementos, ou temáticas, ao articular informações que passavam entre, além e através das disciplinas (NICOLESCU, 2001). Desse modo, a ação transdisciplinar justifica-se também por estimular uma dinâmica de pensamento coerente com a realidade e a motivação de quem busca o conhecimento de forma autônoma, participativa, transcendente e salutarmente transgressora.

Para o educador e musicólogo Hans-Joachim Koellreutter, “é preciso abrir, transcender, transgredir, ir além...” (BRITO, 2001, p. 3). O processo criativo é libertário, solidário e generoso em sua essência. Ao encarar a música como um elemento transversal inserido em um contexto pedagógico transdisciplinar, procuramos compreender e vivenciar um pouco dessa ideologia libertadora de Koellreutter e outros educadores que muito nos encoraja, como o compositor Walter Smetak e Paulo Freire, que foram espíritos onipresentes em nossas oficinas.

Smetak foi uma figura icônica e ‘transgressora’ que, como professor e artista multimedia influenciou muitos outros artistas e educadores a procurarem formas de expressão sonora que combinassem poesia, esoterismo, filosofia e artes plásticas. Seus pupilos eram encorajados a criarem novos instrumentos musicais, os quais ele preferia chamar de “plásticas sonoras” (SCARASSATTI, 2008). Como observa Scarassatti, estudioso de sua obra, os objetos sonoros desenvolvidos por Smetak agregavam duas linguagens expressivas: música e escultura,

proporcionado uma interação harmoniosa entre meios e linguagens, numa dinâmica inter, trans e multidisciplinar, como um “alquimista de sons” (Scarassatti, 2008).

Quanto a esta *Oficina de Escultura Sonora*, desenvolvida dentro de uma perspectiva transdisciplinar, foi notável o potencial que a revelou enquanto elemento transversal às diversas áreas do conhecimento. Nessa oficina foi possível empreender de forma espontânea e orgânica, uma dinâmica quase simbiótica entre música, artes plásticas, matemática, física, ecologia, língua portuguesa e história política de Portugal.

Pesquisa-ação com dialogia e autonomia

A concepção progressista e democrática de educação, fomentada no âmbito da oficina, buscou propiciar às crianças e aos adultos envolvidos, a possibilidade de refletirem criticamente sobre sua própria postura diante de situações-problema que exigiam soluções criativas e prementes. Como diz Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p.32). As relações de ensino–aprendizagem no âmbito da oficina aconteciam essencialmente por meio da partilha de saberes e fazeres, com pleno respeito e solidariedade. No sentido epistemológico foi possível agregar nessa oficina, distintos dispositivos pedagógicos, nomeadamente o construtivismo, a metodologia de projetos, a dialogia e a transdisciplinaridade.

Em primeiro plano buscamos o reconhecimento dos níveis de ensino e aprendizagem esteados na interação entre as áreas de conhecimento, a solidariedade, a cooperação e o fazer coletivo. Procuramos valorizar os saberes e experiências de cada participante, seja adulto ou criança, incluindo as crianças que necessitavam de cuidados especiais. Centrados no pensamento de Paulo Freire, que dizia “... ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1997, p. 68), procuramos nessa oficina, materializar uma forma de trabalhar que estimula a autonomia e proporciona o crescimento social, pessoal e intelectual de todos os envolvidos no processo educativo.

Etapas de desenvolvimento dos trabalhos

A *Oficina de Escultura Sonora* acontecia em horários reservados para as atividades de artes, que acontecem todas as segundas feiras das 11 às 17 hs. Teve início em janeiro de 2016, a partir de uma assembleia² onde estiveram presentes as crianças dos níveis: Desenvolvimento e Aprimoramento, o diretor Filipe Jeremias a professora de Artes, Cristiana Santos a colaboradora Fátima Azevedo e o investigador-autor, que apresentou a proposta e o plano de atividades juntamente com a Professora de Artes Cristiana Santos. Na apresentação da proposta foram destacadas as possibilidades criativas visuais e sonoras que poderiam ser desenvolvidas a partir de todo tipo de material de desperdício. Apresentamos vídeos que ensinam a fazer instrumentos artesanais e grupos musicais que trabalham com instrumento que eles próprios fabricam. Falou-se sobre percepção musical, paisagem sonora e a importância da música e dos sons em nosso dia-a-dia. As crianças ficaram curiosas, fizeram perguntas e foram receptivas à proposta, mostrando-se bem-dispostas em avançar com os projetos.

Nos primeiros encontros procuramos explorar os sons naturais dos objetos que tivessem ao nosso alcance. Descobrimos que uma simples garrafa ou um tubo qualquer poderia revelar possibilidades sonoras inusitadas e com um pouco mais de criatividade, ao juntar um objeto ao outro, novas possibilidades sonoras e estéticas se desvelavam. Nesse contexto ativo e dialógico, procuramos observar as diferenças de timbres, altura, duração e intensidade, sem maiores preocupações com conceitos e teorias.

Movidos pela curiosidade, os participantes investigaram os sons dos objetos e ao mesmo tempo brincaram com os colegas. Em geral, tudo acontecia com humor, como uma boa brincadeira ou um momento de lazer e descontração. Lembro-me quando alguns meninos encheram uma bacia com água e muitos outros juntaram-se a eles para soprarem através de canudinhos de refrigerante, fazendo um som muito especial, que teve seu ponto culminante

² De acordo com os princípios da Comunidade de Aprendizagem Projeto ERES-PT, uma proposta só deve ser colocada em prática se houver interesse de um número significativo de alunos e se for previamente apreciada e aprovada na Assembleia dos Estudantes, que acontece todas às Quintas-feiras, no período da manhã.

com todos soprando forte ao mesmo tempo numa espécie de ‘apoteose aquática’, muita alegria e água para todos os lados.

Principalmente para os mediadores envolvidos, a ação era sempre o ponto de partida para qualquer processo reflexivo. Melhor dizendo, na maior parte das vezes, a teoria era um elemento secundário e vinha só depois da prática. É claro que quando íamos trabalhar com as ferramentas, todos recebiam instruções de segurança e formas de otimizar o seu uso. Felizmente, ninguém se machucou, não ocorreu qualquer relato de acidente durante todo o período da oficina.

Dentre as ferramentas que mais utilizamos, podemos destacar os alicates, as chaves de fenda, os diversos tipos de serras, inclusive elétricas, tesouras, estiletos, furadeiras e martelos. Os materiais também eram bastante variados: diversos tipos de colas e tintas, fitas adesivas coloridas e transparentes, pregos, parafusos, arruelas, porcas, cordões e linhas de pesca, cordas de instrumentos, bexigas de borracha e grãos diversos. Dentre os objetos descartáveis que mais utilizamos para construir os instrumentos e as esculturas sonoras, destacamos: rolos de papel higiênico, garrafas plásticas, garrafas de vidro, pedaços de madeira, bidons de plástico, tubos de pvc, tubos de cartão, tubos de borracha, conexões, retalhos de ferro e outras peças de metal, cabideiro, paletes, gavetas e caixas de madeira.

Ao apresentarmos instrumentos feitos com alimentos, como cenouras e pepinos; ou flautas feitas com tubos utilizados para instalações elétricas, entre outros, conseguimos estimular ainda mais a criatividade das crianças. Fátima Azevedo, lembra que “as crianças foram estimuladas a explorar os materiais e objetos que produziam sons interessantes, pois, antes de construírem instrumentos musicais, elas descobrem-nos em materiais que se transformam com um simples toque”.

As ideias para construir novos instrumentos chegavam por diversos meios, desde a experimentação livre, as memórias de infância e os diversos sites que todos podiam encontrar torrencialmente na internet. Os mediadores, procurávamos sempre estar um passo adiante, aprendendo novas técnicas e construindo novos instrumentos durante a semana. Todavia,

tendo em mente o cuidado para não chegarmos com algo pré-concebido e inibir a capacidade criativa ou o desejo que todos tinham de descobrir algo novo.

A *Oficina de Escultura Sonora* revelou grandes descobertas a nível individual e artístico para todos que se entregaram àquela dinâmica de trabalho. Em relatório sobre a oficina, a professora Cristiana declara ter vivenciado um nível criativo que a deixou “muito entusiasmada com o que se tem vindo a aprender, a construir e a partilhar com as crianças” e prossegue dizendo: “Sinto a transdisciplinaridade muito presente, alcançamos juntos diferentes domínios como a geometria e matemática, o conhecimento dos materiais e suas relações, as ferramentas, os ritmos, a acústica, reacções físicas, etc”. A respeito do que disse Cristiana sobre as características transdisciplinares da oficina, devo asseverar que as convergências entre as diversas áreas do conhecimento aconteceram de forma espontânea e conexas ao contexto de ensino-aprendizagem.

Um exemplo de interação entre áreas deu-se quando estávamos a projetar a “harpa eólica”³, um instrumento místico, rico em harmônicos e soa literalmente aos sabores do vento. Antes de entrarmos nas conjeturas fenomenológicas dos sons e nas características simbólicas daquele objeto sonoro, precisávamos propriamente projetá-lo em suas bases estruturais. Dessa forma, os mediadores, apresentamos um problema às crianças. Um problema que precisava ser solucionado somente por eles, sem a nossa interferência direta.

Resumindo, a questão consistia em fazer cinco furos equidistantes, com perfeita simetria em torno de um avantajado tubo de pvc, usado para redes de escoamento. Todos pensaram bastante até que um dos meninos teve a ideia de desenhar um círculo colocando o tubo sobre um papel e em seguida desenhou um pentágono dentro do círculo. Cada vértice do pentágono determinava o ponto exato onde se deveria fazer os furos. Dessa forma, pelo

³ A harpa eólica ou harpa de vento é um instrumento musical, mais precisamente um cordofone soprado. Embora seja considerada como um instrumento musical, a harpa eólica não é “tocada” no sentido tradicional da palavra. Ela é geralmente colocada num sítio exposto ao vento, “tocando sozinha”. A harpa eólica é constituída por um conjunto de cordas, cada uma delas de diferente espessura, montadas numa armação que funciona como caixa de ressonância. O instrumento é colocado numa janela (ou noutra abertura) de modo a que o vento seja direcionado para as cordas. O fluxo de ar ativa as cordas, fazendo-as vibrar, e como cada corda produz uma nota diferente, vão-se formando acordes aleatoriamente. https://pt.wikipedia.org/wiki/Harpa_e%C3%B3lica (consulta 26/04/2016)

excelente contributo, o menino mostrou-se muito mais feliz porque teve o imediato reconhecimento e a gratidão de todos os presentes.

Composição Coletiva

No contínuo processo de interação entre as áreas do conhecimento, já quase ao final do período regulamentar da oficina, que já se estendia para o terceiro mês, decidimos apresentar um trabalho de criação coletiva a partir do tema 'liberdade', nas comemorações do dia 25 de abril, quando se comemora a emblemática "Revolução dos Cravos" de 1974, em Portugal. A programação do evento consistia basicamente em uma narrativa extraída de um libreto sobre a revolução, além da interpretação de poemas e canções que marcaram o momento histórico que libertou Portugal da ditadura de Salazar.

Para nossa equipe de trabalho, foi dada a oportunidade de expor as esculturas sonoras e participar nos arranjos das canções do compositor português Zeca Afonso, ícone do período da revolução. Para o encerramento do concerto fizemos uma composição coletiva sobre o tema 'Liberdade'. Na ocasião, foi estabelecido um pequeno cronograma de ensaios e a data da apresentação firmada para o dia 22 de abril de 2016, às 19 h, na sala multimeios do *Projeto Eres*. Exceto nos muitos momentos de improvisação livre, ainda não havíamos experimentado nenhuma composição coletiva. No entanto, estávamos tão engajados que a canção já nasceu bela e vibrante. A criação coletiva se deu de forma espontânea e motivada pela própria temática, a liberdade.

FIGURA 1 – Concerto dos alunos do *Projeto ERES* em homenagem a *Revolução dos Cravos*.



Fonte: Foto de Ezequiel Gomes

Processo de elaboração da letra da canção *Liberdade*

Iniciamos esse trabalho a partir de um diálogo para refletir sobre os benefícios e princípios que estão ligados ao sentimento de liberdade. Refletimos sobre as principais mudanças que ocorreram na sociedade portuguesa em decorrência daquele momento político. Tentamos entender a simbologia da flor (os cravos) no cano das armas naquele contexto e os anseios pessoais daqueles que acreditavam no regime democrático.

Depois criamos um acróstico onde cada criança sugeria uma nova palavra que iniciasse com qualquer letra do tema gerador “LIBERDADE” e, em seguida, distribuimos fichas com cada palavra gerada para que cada participante contribuísse com uma frase que fizesse sentido entre a palavra da ficha e o tema gerador. Naquele mesmo momento, as frases foram coletadas em

gravação para formarem os versos da canção. Após definida a melodia, todos escreveram os versos que fizeram em um cartaz com a figura do sol.

FIGURA 2 – O Sol da Liberdade.



Fonte: Cartaz feito pelas crianças do *Projeto Eres*, que participaram da canção *Liberdade*.

Transcrição da letra da canção que está no cartaz acima, acrescida do refrão, em itálico:

Liberdade

Refrão:

Liberdade, liberdade, liberdade é uma flor

Liberdade, liberdade, liberdade é o amor

A alegria e o amor dos militares salvou-nos

Com la luz não tenemos medo

Brincar é divertir, brincar é construir, brincar é tudo

A bravura dos soldados nos salvou de uma terrível censura
Esperança para jogar futebol
Respeito pela liberdade, os direitos e os deveres, dos outros
A liberdade é sempre na relação do outro e do mundo
A liberdade desperta a inteligência
Estudar, aprender coisas como, por exemplo, neste dia a liberdade
Direitos e deveres do futebol
A democracia é a liberdade

(Composição poético/musical coletiva realizada no Projeto ERES)

Referências:

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Triom : São Paulo, 1999.

PARIZZI, B. SANTIAGO, P.F. (Org.). *Processos Criativos em Educação Musical-Tributo a Hans-Joachim Koellreutter*. Coletânea Seminários de Educação Musical-Escola de Música UFMG. Belo Horizonte: Escola de Música UFMG/CMI, 2015. 175p.

SCARASSATTI, Marco. *Walter Smetak: O Alquimista dos Sons*. Edições SESC SP, 2008 - 151 p. _____ . *Três Artesãos Plásticos do Som: Entrevista a Fernando Fadiga, Marco Scarassatti e :such: Por Ana Gandum*. Disponível em: <interact.com.pt/22/tres-artesaos>. Acesso em: 01/07/2016.